



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA  
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

**INGRID CORREIA SILVA**

**O COMÉRCIO NO BAIRRO DO JOSÉ PINHEIRO**

**CAMPINA GRANDE  
2022**

INGRID CORREIA SILVA

**O COMÉRCIO NO BAIRRO DO JOSÉ PINHEIRO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo Científico) apresentado a/ao Coordenação/Departamento do Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Geografia.

**Orientador:** Prof. Me. Faustino Moura Neto

**CAMPINA GRANDE  
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586c Silva, Ingrid Correia.  
O comércio no bairro do José Pinheiro [manuscrito] / Ingrid  
Correia Silva. - 2021.  
19 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em  
Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
Educação, 2021.

"Orientação : Prof. Me. Faustino Moura Neto ,  
Coordenação do Curso de Geografia - CEDUC."

1. Espaço urbano. 2. Comércio. 3. Bairro. 4. Campina  
Grande - Paraíba. I. Título

21. ed. CDD 380.1

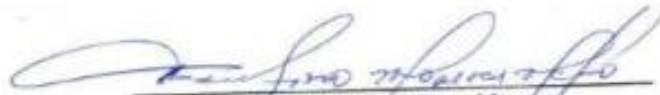
INGRID CORREIA SILVA

## O COMÉRCIO NO BAIRRO DO JOSÉ PINHEIRO

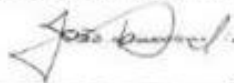
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo Científico) apresentado a/ao Coordenação/Departamento do Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Geografia.

Aprovado em 10/06/2021

**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Me. Faustino Moura Neto  
Universidade Estadual da Paraíba



Prof. Dr. João Demasceno  
Universidade Estadual da Paraíba



Prof. Me. Francisco Evangelista Porto  
Universidade Estadual da Paraíba

*Me movo como ducadora,  
Porque primeiro, me movo como gente.  
(Paulo Freire)*

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1 – Trecho da Rua Campo Sales, fonte: IBGE, 2021 .....</b>	<b>09</b>
<b>Figura 2 – Bodega (Agazão) – José Pinheiro – PB, fonte: Lincoln, 2003 .....</b>	<b>14</b>
<b>Figura 3 – Vista parcial do Abrigo localizado na Rua Campo Sales, 1960 .....</b>	<b>15</b>
<b>Figura 4 – Vista parcial do Abrigo localizado na Rua Campo Sales, 2016 .....</b>	<b>15</b>
<b>Figura 5– Vista parcial da Rua Campo Sales e sua comercialização.....</b>	<b>16</b>

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>07</b>
<b>2</b>	<b>HISTÓRIA DA CIDADE DE CAMPINA GRANDE E DO BAIRRO DE JOSÉ PINHEIRO .....</b>	<b>08</b>
<b>3</b>	<b>ESPAÇO URBANO.....</b>	<b>10</b>
<b>3.1</b>	<b>Processos na cidade e a localização das atividades terciárias no espaço urbano .....</b>	<b>11</b>
<b>4</b>	<b>O BAIRRO DE JOSÉ PINHEIRO E A RUA CAMPOS SALES.....</b>	<b>13</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>16</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>17</b>

## O COMÉRCIO NO BAIRRO DO JOSÉ PINHEIRO

Ingrid Correia Silva\*

### RESUMO

Este trabalho busca contribuir para a compreensão da dinamicidade e importância do comércio do Bairro do José Pinheiro, em Campina Grande, Paraíba. Refletindo sobre como esta atividade econômica expandiu-se em algumas ruas desse bairro, que concentra, de forma muito significativa, atividades econômicas ligadas ao comércio, serviços e indústria. Caracterizando-o como um subcentro da cidade; já que, pode-se encontrar: mercados, farmácias, materiais de construção, salões de beleza, panificadoras, açougues, cartório, lojas de confecções, feira livre, etc. Então, a análise deste contexto sociocultural foi motivada por uma concepção de espaço urbano, enquanto produto histórico e social, podendo-se observar que o comércio do bairro José Pinheiro como subcentro econômico está associado, *a priori*, à acessibilidade diferenciada que esse bairro ganhou no início da década de 80, uma vez que a população local passou a encontrar boa parte do que tinha necessidade, ali, no bairro de José Pinheiro, e mais propriamente na Rua Campo Sales, que no decorrer dos anos teve uma grande expansão nas atividades econômicas, tanto qualitativa, quanto quantitativamente. Tornando esse lugar cada vez mais atrativo para alguns comerciantes e pequenos empresários.

**Palavras-Chave:** Espaço Urbano. Subcentro. Bairro José Pinheiro.

### ABSTRAC

This work seeks to contribute to the understanding of the dynamics and importance of commerce in the Bairro do José Pinheiro, in Campina Grande, Paraíba. Reflecting on how this economic activity has expanded in some streets in this neighborhood, which concentrates, in a very significant way, economic activities linked to commerce, services and industry. Characterizing it as a sub-centre of the city; since you can find: markets, pharmacies, building materials, beauty salons, bakeries, butchers, notary offices, clothing stores, open markets, etc. So, the analysis of this sociocultural context was motivated by a conception of urban space, as a historical and social product, and it can be observed that the commerce of the José Pinheiro neighborhood as an economic subcenter is associated, *a priori*, with the differentiated accessibility that this neighborhood gained in the beginning of the 80's, since the local population started to find much of what they needed, there, in the José Pinheiro neighborhood, and more specifically on Rua Campo Sales, which over the years had a great expansion in economic activities, both qualitatively and quantitatively. Making this place more and more attractive for some merchants and small business owners.

**Keywords:** Urban Space. Sub center. José Pinheiro District.

---

\* Graduanda em Geografia, UEPB.



## 1 INTRODUÇÃO

A cidade de Campina Grande, durante o final do século XIX e no decorrer do século XX, passou por consideráveis transformações urbanas. O centro da cidade, local onde os primeiros habitantes se instalaram, possui um fluxo comercial intenso, o que possibilitou a formação de bairros vizinhos, considerados subcentros.

Para VILLAÇA (2001), esses sub centros são, na verdade uma réplica menor do centro principal, ou seja, pequenas aglomerações com comércio e serviços diversificados, mas, que não são o centro principal da área. O que, com o crescimento populacional e com a migração de moradores das áreas rurais para a cidade, alguns bairros<sup>1</sup> vieram a se desenvolver rapidamente, gerando, dessa forma, seu próprio comércio e suas redes de sociabilidade.

Dentre os bairros que integram a cidade de Campina Grande, no atual contexto histórico e geográfico, o bairro do José Pinheiro<sup>2</sup> possui um grande diferencial, tanto por sua localização, o que o torna um espaço de conexão com diversos outros bairros da cidade, como também por ter alguns pontos peculiares desde sua formação, como por exemplo, a atividade comercial, que para DINIZ (2004), foi o foco principal que possibilitou o surgimento da cidade de Campina Grande.

Essa concentração comercial, acompanhada de um considerável crescimento econômico, modificou sua organização espacial na busca de uma melhoria, no que diz respeito à oferta de bens e serviços. Esse fato, somado a popularidade adquirida pelo bairro, constituem o panorama econômico-espacial fornecido pelo comércio intenso de algumas ruas que integram o bairro, sendo a principal delas a Rua Campos Sales<sup>3</sup>.

Nesse panorama, o objetivo geral deste estudo é analisar a organização espacial e urbana do bairro de José Pinheiro, enquanto uma das principais vias de acesso e desenvolvimento da cidade de Campina Grande. E, partindo da hipótese inferida, três objetivos específicos foram propostos: apresentar, em linhas gerais, o processo de urbanização do bairro do José Pinheiro, contextualizando o município de Campina Grande; caracterizar o processo de evolução do comércio do bairro do José Pinheiro. De modo que, essa investigação se deu através de levantamentos bibliográficos a respeito da temática central e observações diárias, processamento e análise de dados, bem como o mapeamento do espaço em estudo.

Sua importância relaciona-se com a Geografia Urbana de Campina Grande, ao fornecer elementos indispensáveis, no que dizem respeito à formação e ao desenvolvimento da cidade, bem como, ao seu crescimento econômico e sua organização espacial, levando em consideração a influência de fatores históricos nos processos de urbanização e de transformação espacial.

Para tanto, destacamos, sobretudo, a relevância do bairro em estudo, o qual possui uma considerável importância econômica, social e cultural para a conjuntura sociopolítica da cidade de Campina Grande.

---

<sup>1</sup> A cidade de Campina Grande possui, em média 81 bairros – alguns destes criados recentemente a partir dos novos loteamentos que surgiram nos últimos anos. Além dos bairros, a cidade conta com cinco distritos.

<sup>2</sup> Localizado na Zona Leste de Campina Grande, é considerado um dos mais antigos bairros, como também é o quarto maior, (bairro) da cidade.

<sup>3</sup> Considerada a principal via do bairro do José Pinheiro, a Campos Sales é cortada pelas ruas Maximiano Machado, Tomé de Souza, Joana D'arc, Estácio de Sá, Marinheira Agra, Fernandes Vieira, João Honório e Amélia Vieira.

## 2 HISTÓRIA DA CIDADE DE CAMPINA GRANDE E DO BAIRRO DE JOSÉPINHEIRO

O bairro de José Pinheiro tornou-se o quarto maior bairro de Campina Grande, localizado na zona Leste da cidade, e de acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), sua população atinge 16.112 habitantes. É considerado um dos bairros mais antigos e populares da cidade e caracteriza-se por ter o segundo maior comércio do município, além de várias empresas calçadistas.

É popularmente conhecido como “Zepa e foi caracterizado por muito tempo, como o berço da boêmia, ao mesmo tempo em que, o jocoso apelido, serviu para, também, o exemplificá-lo de uma forma pejorativa, relacionando-o à violência.

De grande tradição na fabricação de calçados, o bairro se caracterizou-se por ter o segundo maior comércio do município<sup>4</sup>. Não é raro ouvir de seus moradores a frase “*O que precisar você encontra no Zepa*”, para mostrar a importância do bairro na vida dos seus moradores.

Não é exagero, visto que o bairro do José Pinheiro apresenta uma vasta atividade comercial principalmente graças ao fluxo de pessoas e atividades comerciais que acometem a Rua Campo Sales, que com o tempo, se tornou o coração do bairro, dada a sua variedade de lojas, farmácias, supermercados e outros estabelecimentos comerciais.

Muito do que se constituiu o bairro, deve-se às atividades promovidas pelos seus moradores através da SAB do José Pinheiro, a associação de bairro em atividade desde 12 de abril de 1963, foi uma das primeiras a serem fundadas na cidade.

As SABs são instituições que se apresentam na maioria dos bairros de Campina, bem como em outras cidades do Brasil, que de maneira autônoma buscam representarem os interesses das comunidades, exigindo do poder público melhorias para o setor. Esses espaços surgiram a partir da década de 1960 e tornaram-se uma forma de dar voz aos moradores, bem como, promoverem ações sociais, cursos e capacitações, além de outras atividades como festejos e cultos populares.

De acordo com Sá:

A expansão da pecuária e a vinda dos índios Ariús trazidos pelo Capitão-Mor da Paraíba, Teodósio de Oliveira Ledo, no século XVIII, foi se estabelecendo o povoamento – formado ao redor das fazendas de gado – que se desenvolveram e se estenderam em faixas de terras propícias para a pecuária, resultando na expansão dessa atividade por todo o sertão (1986, p. 12).

Dessa forma, a cidade tornou-se entreposto de passagens para outras regiões do estado. A produção algodoeira, no século XIX lança a cidade de Campina Grande como um grande centro regional de produção e escoamento dessa mercadoria, principalmente a partir da instalação da estrada de ferro em 1907<sup>5</sup>, a qual consolida sua posição com destaque para o algodão. Como destaca SÁ (1986, p.191) “a ferrovia reforçou, assim, o desenvolvimento da cidade, na medida em que ela favorecia a reprodução do capital”. Neste período, Campina Grande ainda era uma pequena aglomeração urbana, contendo poucas ruas, casas e prédios, que verifica-se a importância da vida rural era predominante.

No entanto, crescendo lentamente, a cidade estava organizada espacialmente apenas aoredor de seu centro inicial, entre 1940 e 1960, o considerável crescimento na produção e comércio de algodão, condicionou uma reestruturação no espaço urbano, dando ênfase à

<sup>4</sup> De acordo com o Censo Demográfico do IBGE (2000).

<sup>5</sup> Em julho de 1904 foram iniciadas as obras para a implantação da ferrovia na cidade, construída pela empresa inglesa GreatWestem. Símbolo da modernização, a ferrovia só foi inaugurada em 1907 e ligava a cidade de Itabaiana à Campina Grande.

constituição de zonas industriais próximas aos eixos rodoviários das BRs 230 e 104. E toda essa reorganização do espaço urbano facilitou uma significativa acumulação do capital, nas décadas seguintes, até a atualidade.

Um dos objetos de preocupação da geografia é a cidade, ou melhor, o seu espaço. Em um primeiro momento, à apreensão desse espaço, um padrão marcado pela heterogeneidade que se impõe. Esta constatação, por sua vez, se evidencia no próprio cotidiano. Nos deslocamentos diários, seja a pé, de carro, de bicicleta ou de ônibus. O que chama a atenção são as diferentes paisagens que compõem tal aspecto da realidade urbana.

Conforme CORRÊA (1989), uma outra característica do espaço urbano, que também pode ser constatada no dia-a-dia, é o seu caráter dinâmico, o que denota que o espaço da cidade está a todo o momento sendo produzido e organizado.

Por outro lado, o senso comum passou a definir o bairro de José Pinheiro como apenas uma área delimitada da cidade. Evidentemente, que pelo fato de o bairro possuir muitas definições, focaremos naquelas em que o bairro é um ambiente de desenvolvimento das múltiplas particularidades, onde seus moradores compartilham um espaço complexo e globalizado. O que para SEABRA (2003, p. 26), o bairro é “[...] um acontecer fundado em práticas concretas que articulam num lugar, parentela, vizinhança, compadrio sob múltiplas formas de solidariedade e, sobretudo de reciprocidade. Define-se como uma unidade em relação à cidade”, ou seja, um lugar onde os novos moradores encontram condições para construir moradias e novas histórias de trabalho e de variadas trocas de experiências que marcaram suas histórias de vida.

Os bairros tornam-se então, lugares de demarcação das vivências de seus moradores. Familiares, agregados, vizinhos e amigos são levados à novas formas de interação social, bem como de práticas comerciais. Para MELLO (1991, p.62), o bairro é entendido como o “[...] lugar vivido por excelência, percorrido com segurança, onde muitos se conhecem e, portanto, se familiarizam”. Então, a função social das bodegas, apresentada pelo autor, é observada na quantidade de pessoas que as frequentam no bairro José Pinheiro, estes sujeitos nem sempre vão para realizar algum tipo de compra, mas para se encontrar com amigos, estes estabelecimentos tornaram-se pontos de encontros, proporcionando o convívio entre as pessoas. Segundo DINIZ (2004, p. 151) ressalta que, as bodegas “proporcionam um amistoso ambiente de convívio social onde, como de costume, ocorrem com frequência encontros de moradores conhecidos das vizinhanças” o que corrobora SANTOS (1985, p.54), dizendo que “[...] Cada forma sobre a paisagem é criada como resposta a certas necessidades ou funções do presente”.

**Figura 1** - Trecho da Rua: Campo Sales – José Pinheiro, Campina Grande – PB.



**Fonte:** DINIZ, Lincoln da Silva. 2003.

Aqui, podemos observar que as atividades comerciais, que eram voltadas para o centro de Campina Grande, sobretudo, para o consumo local/cotidiano, foram dando lugar ao comércio no centro do bairro do José Pinheiro.

Ao passar do tempo, esse bairro foi se constituindo em nova centralidade comercial, atraindo cada vez mais investimentos e modificando, conseqüentemente, suas formas. Esta centralidade do comércio intensificou-se, inclusive, com o contínuo aumento da população do bairro do José Pinheiro, nos últimos 20 anos.

Outro elemento importante, neste contexto, é que os investimentos do setor calçadista que, também, tem destaque no bairro, abriu espaço para várias fábricas, e gerou oportunidade de trabalho para a população daquela área.

Diante à consolidação deste bairro como centro comercial observa-se a valorização das áreas do entorno, atraindo as atividades imobiliárias, evidenciando desdobramentos das transformações espaciais do lugar em questão.

### 3 ESPAÇO URBANO

Segundo Corrêa (1989), o espaço urbano é composto de fragmentos, e se constitui em reflexo e condição de uma determinada sociedade, mediada pelas condições técnicas de determinada época histórica. Entretanto, estes espaços se encontram articulados por fluxos de diversas naturezas: de pessoas, de informações, de capitais, de mercadorias, de ideologias etc. Essa articulação no interior do espaço urbano se dá entre os diferentes usos do solo urbano. E ressalta:

Tais usos definem áreas, como o centro da cidade, local de concentração de atividades comerciais, de serviços e de gestão, áreas industriais, áreas residenciais distintas em termos de forma e conteúdo social, de lazer, entre outras, aquelas de reserva para futura expansão. (CORRÊA, 1989, p.7).

Isto é, a diferenciação do uso do solo urbano, evidentemente, não é aleatória, mas sim, reflexo e condição dos processos sociais, o que corrobora CARLOS (2001) afirmando que, o aspecto contraditório das relações capitalistas sobre o espaço urbano. Para essa autora, o espaço da cidade é apropriado de diversas maneiras, o que reflete os interesses, ora divergentes, ora convergentes, dos segmentos que formam a sociedade:

São os diversos modos de apropriação do espaço que vão pressupor as diferenciações de uso do solo e a competição que será criada pelos usos, e no interior do mesmo uso. Como os interesses e as necessidades dos indivíduos são contraditórios, a ocupação do espaço não se fará sem contradição e, portanto sem luta. (2001, p.42)

Mas quem são esses segmentos que produzem e utilizam o espaço urbano? E como se dão as relações entre eles? De acordo com CORRÊA (1989), eles se propõem a partir de cinco agentes sociais produtores e consumidores do espaço urbano: 1) os proprietários dos meios de produção, sobretudo os grandes industriais; 2) os proprietários fundiários; 3) os promotores imobiliários; 4) o Estado; 5) os grupos sociais excluídos.

Os agentes sociais agem de maneira complexa sobre o espaço urbano e suas ações são derivadas, de um lado, pela dinâmica da acumulação capitalista e, de outro, e de maneira complementar e integrada, pelas necessidades de reprodução das relações sociais. As ações desses agentes são postas no decorrer do tempo, produto histórico, e implicam uma constante reorganização do espaço urbano. Ainda segundo CORRÊA:

[...] que se faz via incorporação de novas áreas ao espaço urbano, densificação do

uso do solo, deterioração de certas áreas, renovação urbana, relocação diferenciada da infraestrutura e *mudança, coercitiva ou não, do conteúdo social e econômico de determinadas áreas da cidade*. [...] (1989; p. 11, grifo nosso).

Tais ações, de acordo com HARVEY (1982) se dão sob um marco jurídico, o Estado, que supostamente deveria se constituir neutro, todavia, de maneira geral, sua ação expressa os interesses de grupos dominantes (sobretudo, econômicos) em determinada época. Assim, a ação do Estado torna-se um tanto quanto contraditória, uma vez que, além de exercer o papel de “mediador” dos interesses presentes no interior da sociedade, ele congrega outros papéis como grande industrial ou promotor imobiliário, como reforça CORRÊA (1989).

Devido a essa particularidade, a análise da atuação do Estado torna-se indispensável para se entender a produção do espaço urbano. O que, em uma sociedade de classes, assim como é a sociedade capitalista, a distribuição de bens e serviços se dá de maneira seletiva, isso vale também para o acesso à terra urbana. Como reflexo dessa estrutura, CORRÊA (1997, p.177) nos convida a refletir: “[...] duas cidades. Uma de opulência, bem-estar e prazer, e outra de pobreza e desesperança. [...]”. A segunda cidade é produzida pelo agente social denominado de grupos sociais excluídos.

Esse agente social é fruto do processo de modernização da economia do país, isto é, da própria lógica do capitalismo. São normalmente migrantes, cujas formas de apropriação do espaço urbano se dão, geralmente, por ocupações irregulares e em áreas consideradas ambientalmente frágeis, tais como vertentes ou áreas sujeitas à inundação.

### 3.1 Processos na cidade e a localização das atividades terciárias no espaço urbano

Em termos teóricos, a Área Central, ou centro principal de uma metrópole, caracteriza-se, de maneira simplificada, pela concentração de atividades relacionadas ao comércio varejista, aos serviços e aos estabelecimentos burocráticos do Estado. Essa forma espacial, por sua vez, é resultado do processo de *centralização espacial*, e está associado diretamente à economia de mercado, no capitalismo industrial. A emergência da Área Central constitui-se em momento em que as relações cidade mundo são intensificadas, isso ocorre, sobretudo após a revolução industrial.

A partir do século XIX, os transportes sobre trilhos passam a exercer um importante papel na articulação regional. Nesse sentido, em um primeiro momento, a formação da Área Central remete-se a função da cidade em contexto regional. Próximos aos portos e às estações ferroviárias desenvolvem-se atividades derivadas do comércio exterior, sobretudo. No decorrer do tempo, em função da evolução dessas atividades, forma-se um mercado de trabalho considerável, justificando, por sua vez, a instalação de estabelecimentos do comércio varejista e de prestação de serviços. Assim, esse lugar, no decorrer dos anos, reúne as condições<sup>6</sup> propícias para a concentração das atividades terciárias.

CORRÊA (1997) também propõe seis processos e as respectivas formas espaciais:

- a) Centralização espacial e a Área Central;
- b) Descentralização espacial e os núcleos secundários;
- c) Coesão espacial e as áreas especializadas;
- d) Segregação espacial e as áreas sociais;
- e) Inércia e as áreas cristalizadas.

<sup>6</sup> Entre essas condições, inclui-se o processo espacial denominado coesão “[...] aquele movimento que leva as atividades se localizarem juntas. Sinônimo de economias externas de aglomeração. [...]” (CORRÊA, 1989, p. 56).

O que, devido à especificidade dessa pesquisa, optou-se por uma discussão a respeito dos dois primeiros processos espaciais<sup>7</sup>, por entender que serão importantes para a compreensão da problemática posta. Tanto processo de centralização espacial como de descentralização espacial são produtos da maneira como a sociedade capitalista se organiza. Assim, as ações dos agentes sociais são influenciadas pela lógica capitalista. Esses processos desenvolvem-se em função da “[...] própria dinâmica capitalista, que, de modo ponderável, atuassubjacentemente aos fatores de repulsão e atração [...]” (CORRÊA, 1989, p. 46-47).

Como parte do processo, a Área Central torna-se também o foco, exclusivo, do transporte intra-urbano, o que intensifica ainda mais a centralidade dessa área no espaço urbano.

Esse modelo de estruturação da cidade, fundamentado em único centro terciário (monocêntrico), sofreu mudanças no decorrer do século XX, dando origem aos chamados núcleos secundários. O surgimento de núcleos secundários, ou subcentros, em determinado aglomerado urbano é produto do processo denominado de *descentralização espacial* (CORRÊA, 1989).

Em virtude deste processo espacial, o espaço urbano torna-se mais complexo (CORRÊA, 1989). Isso porque em vez de um centro principal, concentrando as atividades terciárias e as viagens no espaço urbano, surge uma variedade de núcleos secundários, desde núcleos hierarquizados como subcentros regionais, de bairro ou de bairros, a núcleos especializados como distritos médicos, ou distrito de diversões (BERRY 1971 e 1982 *apud* CORRÊA, 1989).

Dentre esses núcleos secundários, destaca-se, em termos de complexidade, o subcentro regional, definido por Corrêa da seguinte maneira:

[...] constitui-se em uma miniatura do núcleo central. Possui uma gama complexa de tipos de lojas e de serviços [...]. Muitas de suas lojas são filiais de firmas da Área Central, e, à semelhança desta, porém em menor escala, o subcentro regional constitui-se em importante foco de linhas de transporte intra-urbano. (1989, p. 51).

Ou seja, a descentralização espacial é mais recente que o processo de centralização. E emerge em um contexto cuja excessiva centralidade da Área Central torna-se causadora de desequilíbrios de aglomeração, tais como elevado preço da terra urbana, congestionamentos, falta de área para expansão, entre outras.

Além disso, a descentralização espacial relaciona-se ao próprio crescimento da cidade, em termos demográficos e territoriais. “[...] Esta tese está apoiada na crença de que uma mudança quantitativa implica em um salto qualitativo. Assim, existe um patamar crítico a partir do qual o processo de descentralização inicia-se.” (CORRÊA, 1997, p. 171).

No entanto, para efetivação deste processo sobre o espaço urbano é preciso que outras áreas no tecido urbano exerçam certa atração no que tange as atividades terciárias. Nesse sentido, algumas condições são essenciais, conforme COLBY (*apud* CORRÊA, 1997, p.171): terras não-ocupadas, a baixo preço e impostos; infraestrutura implantada; facilidades de transportes; qualidades atrativas do sítio, como topografia e drenagem; amenidades físicas e sócias; *threshold* ou mercado mínimo capaz de suportar a localização de uma atividade descentralizada.

Outro fator importante neste processo, e que está associado diretamente aos fluxos do espaço urbano, é a acessibilidade<sup>8</sup>: “A descentralização implica em uma diminuição relativa

<sup>7</sup> Roberto Lobato Corrêa desenvolve seus argumentos fundamentados, especialmente, em autores que estudaram o espaço urbano nos países desenvolvidos e, em muitos casos, em um outro período histórico. No entanto, o mesmo autor ressalva que os processos espaciais variam, em termos qualitativos e quantitativos, no tempo e no espaço.

<sup>8</sup> Segundo Villaça (2001) acessibilidade pode ser entendida como a capacidade de um ponto se relacionar com o

da acessibilidade da Área Central, e aumento relativo da acessibilidade de outros locais [...]” (CORRÊA, 1997, p.126).

Dessa forma, tanto para Corrêa (1997), quanto para Spósito (1998) essa nova estruturação da acessibilidade no espaço urbano relaciona-se diretamente à difusão de meios de transportes mais flexíveis como o carro e o ônibus.

Villaça (2001), por sua vez, também reforça a importância do atributo acessibilidade na estruturação do espaço urbano. Para esse pesquisador do urbano, as condições de deslocamento das pessoas na cidade, enquanto força de trabalho ou como consumidor, constituem-se na principal condicionante em relação ao processo de produção desse espaço:

A estruturação do espaço regional é dominada pelo deslocamento das informações, da energia, do capital constante e das mercadorias em geral – eventualmente até a mercadoria força de trabalho. O espaço intra urbano, ao contrário, é estruturado fundamentalmente pelas condições de deslocamento do ser humano, seja enquanto portador da mercadoria força de trabalho – como no deslocamento casa/trabalho-, seja enquanto consumidor - reprodução da força de trabalho, deslocamento, casa-compras, casa-lazer, escola, etc. (2001, p. 20).

Neste sentido, a análise do sistema de transporte urbano é de extrema importância para se entender a distribuição do uso do solo urbano, como ressalta BEAUJEU-GARNIER (2000, p.180-181): “Os transportes influenciam no conjunto das atividades humanas pelo seu traçado e equipamento. Nenhum outro elemento desempenha papel mais determinante na cidade.”

Assim dizendo, o processo de descentralização espacial, contudo, é extremamente complexo, não podendo ser reduzido aos níveis de acessibilidade dos lugares. A gênese de subcentros terciários está ligada à ação dos agentes sociais que produzem o espaço. Assim sendo, a cristalização dessa forma espacial relaciona-se de maneira subjacente ao processo de acumulação e reprodução do capital no espaço urbano, em suas várias vertentes. Ademais, as singularidades da cidade ou da metrópole são importantes para se entender a maneira como se desenvolvem esses processos.

#### 4 O BAIRRO DE JOSÉ PINHEIRO E A RUA CAMPOS SALES

O bairro de José Pinheiro foi surgindo e atendendo aos mais variados setores – do social ao econômico. Refletindo as tradições de nossa cultura local. Pouco a pouco, por meio das práticas culturais, econômicas e sociais, foi dando ênfase a construção de sua identidade.

De grande tradição na fabricação de calçados, ele caracterizou-se por ter o segundo maior comércio do município. É comum ouvir de seus moradores a frase “*O que precisar você encontra no Zepa*”, para mostrar a importância do bairro na vida dos seus moradores.

Não é exagero, visto que o bairro do José Pinheiro apresenta uma vasta atividade comercial principalmente graças ao fluxo de pessoas e atividades comerciais que acometem a Rua Campo Sales, que com o tempo, se tornou o coração do bairro, dada a sua variedade de lojas, farmácias, supermercados e outros estabelecimentos comerciais.

O bairro do José Pinheiro não foi um bairro projetado. Eis um fato. Este se desenvolveu de forma desordenada, sendo construído de acordo com as necessidades do povo que iam descobrindo o bairro ao passarem por Campina. Um desses descobridores foi José Pinheiro, vindo de Alagoa Grande - PB. Era um curandeiro que passou a ser reconhecido por

---

conjunto de pontos que existem no espaço urbano. Ainda para este autor, a acessibilidade constitui-se em um valor de uso, isto é, produzido pelo trabalho social da sociedade. [...] A acessibilidade de um terreno ao conjunto urbano revela a quantidade de trabalho socialmente necessário dispendido em sua produção. Quanto mais central o terreno, mais trabalho existe dispendido na produção dessa centralidade, desse valor de uso. [...] (VILLAÇA, 2001, p. 74).



suas atividades homeopáticas, ao montar uma pequena bodega<sup>9</sup>. Através do aparecimento destes pequenos estabelecimentos formados por uma unidade familiar e destinados ao comércio de produtos necessários ao dia-dia de seus compradores e que faltavam durante a semana, o bairro vai crescendo comercialmente.

Estes espaços são responsáveis pelo abastecimento de mercadorias indispensáveis às populações locais. É uma prática comum em vários bairros, bem como um tipo de comércio bastante antigo e popular. Além disso, as bodegas tornam-se também localidades para se encontrar amigos, vizinhos e familiares, jogar conversa fora e tomar aguardente, ou aquela pinga de fim de semana como diziam seus frequentadores.

O geógrafo Lincoln da Silva Diniz (2004) nos confirma a importância das bodegas para algumas necessidades diárias da população, ao mesmo tempo em que estas são importantes meios para se entender as mudanças e permanências comerciais que constituíram o bairro de José Pinheiro, frente às novas formas comerciais ao mesmo tempo em que representaram:

Um objeto comercial muito importante para as populações pobres dos bairros populares da cidade, garantiam grande parte do abastecimento dessas populações, atendendo às suas necessidades mais prementes. (2004, p.8).

**Figura 2** - Bodega O Agazão (esquina das Ruas Marinheira Agra e Regente Feijó)



Fonte: DINIZ. Lincoln da Silva. 2003.

De acordo com os estudos do autor, fica claro que a importância do bairro se deu com a construção de sua SAB. A importância do bairro do José Pinheiro é revelada também a partir da década de 1960, quando é criada no bairro a primeira associação de moradores na cidade de Campina Grande, a Sociedade de Amigos de bairro. (SAB). Através desta entidade, os moradores passaram a reivindicar os seus direitos, lutando pela sua cidadania.

Verifica-se que há uma convivência entre as novas e velhas formas de comércio, entre as novas e velhas práticas como nos aponta Santos:

[...] enquanto novos objetos se instalam (prédios inteligentes, vias rápidas, infraestruturas), em algumas áreas urbanas, na maior parte da aglomeração

<sup>9</sup> A bodega, comércio típico da região Nordeste, constitui um pequeno comércio muito antigo na história de várias cidades, surgindo e se formando ao longo de extensas estradas abertas no vasto interior conquistado pelo homem (Diniz, idem, p.11).



permanecem objetos herdados representativos de outras épocas. (1996, p,45)

De acordo com Gurjão (1999), os bairros, são divisões do espaço urbano em “pedaços”, provocados pelo desenvolvimento industrial e comercial da cidade. Eles são considerados, fragmentos diferenciados entre si, tanto por sua localização geográfica, quanto por suas construções: ruas, espaços verdes e infraestrutura.

O atual bairro de José Pinheiro, no início de sua formação, era um espaço com características agrárias predominantes. Espaço este que mais tarde vai sendo remodelado para atender as necessidades urbanísticas de sua população e parte de Campina Grande.

As ruas do bairro não obedeceram nenhum planejamento, haja vista que se organizaram espontaneamente. Para Gurjão (1999, p. 28): “A ausência de espaços verdes públicos (praças, parques) e até mesmo arborização ao longo das ruas vem confirmar que sua organização espacial não obedeceu a nenhum planejamento sistemático”.

**Figura 3** - Abrigo, localizado na Rua: Campo Sales José Pinheiro, Campina Grande – PB, 1960.



Fonte: [www.google.com](http://www.google.com)

**Figura 4** - Abrigo, localizado na Rua: Campo Sales José Pinheiro, Campina Grande – PB, 2016.



Fonte: [www.google.com](http://www.google.com)

A principal rua do bairro de José Pinheiro de comercialização é a rua Campos Sales. No bairro desenvolvem-se atividades que vão desde lojas, supermercados, prestação de serviços bancários, bodegas e bares, a maioria delas concentradas na Rua Campo Sales.

Além do comércio, a indústria tem uma grande importância para o bairro. As famosas “indústrias de fundo de quintal” são consideradas em sua maioria empreendimentos familiares, sendo sua mão de obra constituída em grande parte por membros da própria família. Essas indústrias de calçados são responsáveis, direta e indiretamente, pela ocupação de mais de dois mil operários. Todas essas atividades do bairro expressam a condição de subcentro adquirida por José Pinheiro, pois, como afirma Villaça (2001), sub centros são descentralizações do centro de uma cidade. São expressões visíveis de atividades oferecidas na cidade que se descentralizam através dos sub centros.

Apesar do bairro de José pinheiro ser considerado como popular, verificam-se nele, como nos outros bairros, construções modernas ao lado de favelas. Isso é um reflexo das desigualdades sociais e espaciais existentes nas configurações do mundo atual. Para Sposito (2001), uma área central se forma, como consequência de um processo histórico do qual se originara as atividades comerciais e serviços em seu interior.

**Figura 5** - Vista parcial da comercialização da Rua Campo Sales José Pinheiro, Campina Grande – PB.



Fonte [www.google.com](http://www.google.com)

Na história a formação do bairro de José Pinheiro, verificamos que na década de 1930, o surgimento de eventos, festas, pastoris, cinemas, etc.- na Rua Campos Sales, condicionou o aparecimento de algumas atividades econômicas para atender as necessidades da população que vinha de diferentes localidades da cidade de Campina Grande para prestigiar tais eventos.

A Rua Campos Sales com o passar do tempo acaba por se tornar eixo de circulação de mercadorias e transeuntes, com suas socializações e ressocializações. O bairro eleva-se a uma condição de subcentro objetivando a construção de uma Campina moderna e de um bairro, que apesar de todo o preconceito que o cerca se tornou importantíssimo para o desenvolvimento da cidade.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O bairro de José Pinheiro representa, para a cidade de Campina Grande, um espaço que carrega consigo parte da memória da cidade, que se formou e se transformou um bairro

subcentro, com diversas atividades comerciais, de serviços e lazer. Estas atividades são relevantes para a população local. Percebe-se também que o José Pinheiro, tornou-se uma referência dentre o conjunto dos bairros que formam Campina Grande, principalmente pelo fato de contribuir para a economia da cidade.

Suas características e sua configuração espacial expressam os interesses de uma sociedade que busca ser alcançada pelos raios da modernidade. Essa busca acaba por levar o bairro de José Pinheiro a ser considerado por sua população como se fosse “a cidade dentro da cidade”. Chamado de “ZEPA” por seus moradores, o bairro vai assumindo faces e formas que se estendem por toda a cidade. Apesar de muitas vezes enfrentar preconceitos, José Pinheiro vai crescendo nos âmbitos social, econômico e cultural, em grande parte graças à influência da sua área central e sua sustentabilidade comercial.

Percebe-se que devido à grande concentração de atividades comerciais, o bairro de José Pinheiro se tornou um dos principais eixos de circulação da cidade de Campina Grande.

Ao passo que novas pessoas encontravam no bairro um “porto seguro”, o mesmo precisava se reorganizar espacialmente, o que o elevou à condição de subcentro por oferecer uma extensa variedade de produtos e serviços que antes só eram encontrados no centro da cidade. Campina Grande em face ao desenvolvimento que ocorria Brasil afora também se expande de maneira desordenada. A cidade e, sobretudo o bairro, vão se remodelando para atender às necessidades de seus novos e velhos moradores.

Vale frisar novamente que a urbanização de determinada área atende a uma necessidade capitalista. Como vimos todos os elementos que constituem um determinado espaço sofrem várias mutações, visto que a sociedade está em constante mudança, o que acarreta uma nova organização espacial. O espaço urbano, portanto, é o resultado das relações que o ser humano desenvolve na sociedade, que entre passado e presente, vão se construindo e se reconstruindo de maneira gradativa.

O bairro graças à sua acessibilidade, dinamicidade e a sua enorme concentração de atividades, bem como os inúmeros negócios oferecidos, atendem não só aquele espaço como suas adjacências refletindo o anseio de uma sociedade que se faz cada vez mais moderna. É necessário frisar ainda, que o comércio predomina sobre outros serviços oferecidos e que o número de casas supera o número de estabelecimentos comerciais, não interferindo na consolidação da sua área central pautada no forte apelo comercial da rua Campos Sales.

## REFERÊNCIAS

CORRÊA, Roberto Lobato. O espaço urbano. São Paulo: Editora Ática S.A., 1989.

DINIZ, Lincoln da Silva. **As Bodegas da Cidade de Campina Grande: objetos de permanência e transformação do pequeno comércio do bairro do José Pinheiro.** Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.

em <<https://www.google.com/maps/place/Campina+Grande,+PB,+Brasil/BR>> Acesso 04/01/2021.

GURJÃO, Eliete. *et. al.* **O Bairro de José Pinheiro: Ontem e Hoje.** João Pessoa, 1999.

HALLEY, B. M. **Bairro rural/bairro urbano: uma revisão conceitual.** GEOUSP – Espaço e Tempo, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 577-593, 2014.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Dados do IBGE2016.** Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/v4/brasil/pb/campina-grande/panorama>> Acesso em 04/01/2021.

MAPS, GOOGLE. **Cidade de Campina Grande, PB, Brasil.** Disponível

- MELLO, João Baptista Ferreira de. **O Rio de Janeiro dos Compositores da Música Popular Brasileira – 1928/1991** – uma Introdução à Geografia Humanística. Dissertação (Mestrado em Geografia), UFRJ, 1991.
- SÁ, Maria Braga de. **Algumas considerações sobre o papel de Campina Grande na rede urbana paraibana** [ s.n ] 1986.
- SANTOS, Milton. **A Urbanização Brasileira**. (5ª Ed). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.
- SANTOS, Milton. **Manual de Geografia Urbana**. São Paulo: HUCITEC, 1989.
- SANTOS, Milton. **A Urbanização Brasileira**. São Paulo: HUCITEC, 1996
- SEABRA, Odette Carvalho de Lima. **Urbanização e fragmentação: cotidiano e vida de bairro na metamorfose da cidade em metrópole, a partir das transformações do Bairro do Limão**. 2003. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Capitalismo e Urbanização**. São Paulo: Contexto, 1989.
- VILLAÇA, Flávio. **Espaço Intra-Urbano no Brasil**. São Paulo: Nobel, 2001.

## AGRADECIMENTOS

Reservo este espaço para agradecer as pessoas e as instituições que certamente contribuíram de alguma forma não só para essa pesquisa, mas também para a minha graduação. Neste sentido, agradeço: Aos professores do Departamento de Geografia e aos professores do Centro de Educação que deram aula para a mim; à turma de Geografia 2012.2 por ter me proporcionado momentos de alegria e amigos para a vida toda. Ao meu esposo, que ouviu, com toda paciência, as minhas ideias no decorrer desta pesquisa, e também pelo incentivo incondicional em relação aos meus desafios; e também agradeço aos meus pais e ao meu filho, pois essa conquista dedico a vocês!